



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 13 de Maio de 1970

A Igreja peregrina no tempo

O que significa esta expressão, que a linguagem do Concílio pôs novamente em uso: Igreja peregrina ?

É uma expressão que aparece muitas vezes nos documentos do Concílio. Encontramo-la, por exemplo, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, onde se afirma que a Igreja está « presente no mundo e todavia peregrina » (n. 2); na Constituição *Lumen Gentium*, declara-se, com uma feliz citação de Santo Agostinho, que « a Igreja continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus » (n. 8; *De Civitate Dei*, 18, 51, 2, em: *PL* 41, 614); diz-se ainda que « todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode dar à família humana, deriva do facto de a Igreja ser o sacramento universal da salvação » (*Gaudium et Spes*, n. 45); etc..

O que quer dizer esta peregrinação ? A figura da peregrinação é clara e revela numerosas realidades muito importantes, mas que, certamente, não são simples, nem facilmente compreensivas. Em todo o caso, devem ser consideradas. Esta imagem da peregrinação mostra que a Igreja possui duas vidas: uma no tempo, onde nos encontramos actualmente, e outra, para além do tempo, na eternidade, para onde se dirige a nossa peregrinação. Temos consciência desta realidade, que coloca a existência da Igreja, como aliás, a de todas as criaturas, e a de cada homem, na instabilidade do tempo, leva-nos a ter convicção não só especulativa, mas também prática e, por isso, moral, da caducidade, ou seja, do carácter precário de tudo aquilo que constitui o nosso mundo presente.

Sabemos que tudo é transitório, que tudo passa e que nós mesmos somos efémeros e mortais, mas, na prática, pensamos e vivemos como se, afinal, as coisas e a vida fossem estáveis e durassem eternamente. Mesmo quando, condescendendo com a lei inexorável do tempo, procuramos dirigir-nos para um objectivo futuro, pensamos sempre que este objectivo é um ponto de chegada, um termo fixo, um lugar de repouso.

Esta é uma das ilusões habituais da qual o Senhor nos desperta continuamente; por exemplo, quando nos admoesta, dizendo: « Trabalhai não pela comida que perece, mas pela que dura até à vida eterna... » (*Jo 6, 27*). O Senhor deixou-nos duas lições fundamentais sobre este enigmático tema do tempo: a primeira, de que já falámos, é a da sua fugacidade (cfr. *Lc 12, 20*: na história do homem rico, demasiadamente preocupado em acumular bens terrestres e, imediatamente depois, ceifado por morte repentina; cfr. *1 Cor 7, 31*: « a aparência deste mundo passa »; etc.); a outra lição é a que se refere à preciosidade do tempo (cfr., *Jo 12, 35*: « andai enquanto tendes a luz... »; *Mt 20, 6*; etc.); mas, neste caso, trata-se de uma preciosidade em relação a um fim, que deve ser conseguido para além do tempo; devemos servir-nos do tempo, com febril intensidade; e não vivê-lo com indolente indiferença ou com ansioso hedonismo (« *carpe diem* »).

Nesta altura, deveríamos fazer uma complexa reflexão sobre a natureza do tempo (cfr. Santo Agostinho, *Confissões*, XI, 14, em: *PL 32, 816*), e sobre as ideias gerais que derivam dessa reflexão, como, por exemplo, a evolução, o desenvolvimento e o progresso (cfr. J. Guittou, *L'existence temporelle*, Aubier, 1949); mas, por agora, é suficiente lembrarmos que Deus colocou a criação, e também os destinos do homem, no devir e, nesta corrente da mudança contínua, colocou a humanidade e a Igreja: também a Igreja navega no tempo, navega na história.

Outra palavra mágica é « história », palavra actualmente tanto em voga, mesmo na teologia e no estudo da religião, que até a religião cristã se define, geralmente, como a história da salvação; por outras palavras, hoje a relação entre o homem, ou melhor, entre a humanidade e Deus, considera-se um acontecimento que se verificou no tempo, nos séculos, como a realização de um desígnio misterioso e divino (cfr. *Col 1, 26*; *Ef 1, 10*; *Gál 4, 4*; etc.), que se revelou num determinado momento, a plenitude dos tempos, com a vinda de Cristo; de um desígnio que ainda não se cumpriu inteiramente, porque conduz a uma segunda vinda de Cristo, a futura, a última, escatológica. A Igreja vive neste período, que vai do Cristo do Evangelho ao Cristo do Apocalipse, vive no tempo, como todas as outras instituições humanas, e vive a própria história, a que chamamos peregrinação.

Igreja peregrina quer dizer Igreja que passa através do tempo, com esta dupla característica, sinal da sua história: a Igreja leva consigo valores que devem ser conservados (valores aos quais São Paulo dá o nome de « depósito »: *2 Tim 1, 12*; *1, 14*), a fé, a graça, o Cristo vivente no mistério do seu Corpo místico que é a própria Igreja; por outras palavras, a Igreja é viva e tem em si a garantia divina de que todas as adversidades da história não conseguirão destruir a sua existência (tenhamos presente o vaticínio do Senhor: « *portae inferi non praevalerunt* », o poder

do inferno não prevalecerá, *Mt 16, 18*), e de que esta aventurosa, mas invicta peregrinação durará «até ao fim do mundo» (*Mt 28, 20*).

A segunda característica é dada pela certeza de que a peregrinação da Igreja, através dos séculos, tem uma segura meta, que é o encontro último, glorioso e eterno com Jesus Cristo, que vive à direita do Pai, isto é, em Deus, sendo Ele mesmo Deus, com o Espírito Santo, no inefável mistério da Santíssima Trindade. Meta esta que dá à Igreja a sensação da sua proximidade, da sua quase iminência e que infunde na afanosa respiração da atribulada Peregrina (cfr. Santo Agostinho, *In Psalmum 137*, em: *PL 37, 1781*) a invocações suprema: « Amém. Vem, Senhor Jesus! » (*Apoc 22, 20*; cfr. Journet, *L'Église du Verbe Incarné*, III, *Essai de Théologie de l'Histoire du Salut*, p. 102).

Esta visão da Igreja, hoje apresentada à nossa consideração pelo título de peregrina, que repetidamente lhe é atribuído, pode-nos ensinar muito. São realidades difíceis de serem compreendidas no seu sentido profundo (cfr. J. Mouroux, *Le Mystère du temps*, Aubier, 1962), mas que se tornaram moeda corrente na linguagem comum. A primeira realidade, que devemos compreender, é o sentido da história, não como puro suceder-se dos acontecimentos humanos, no jogo cego e inextricável do devir natural e cósmico e da liberdade humana, mas como processo evolutivo da humanidade, guiado, assim o cremos, por um Pensamento dominante, que tudo conduz para um possível e livre resultado de salvação (cfr. *Rom 8, 28*).

Por isso, nós cristãos não temos medo da história, isto é, dos acontecimentos e das mudanças, através dos quais devora e gera homens e coisas; *non habemus hic manentem civitatem sed futuram inquirimus*, não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da futura (*Hebr 13, 14*); e, por isso, estamos sempre disponíveis às novidades e ao progresso, não perdemos a confiança e a coragem, apesar do que possa acontecer; estamos a caminho. Caminhamos na história, caminhamos no mundo, não como estrangeiros e fugitivos, mas como participantes da sua vida complicada e tumultuosa, quer seja alegre ou triste (cfr. toda a Constituição *Gaudium et Spes*). Temos, precisamente como cristãos, um papel a desempenhar no mundo, temos, para com ele, uma responsabilidade, um dever de caridade a cumprir.

E aqui delinea-se o grande problema das nossas relações como cristãos e, devemos dizer, das relações da Igreja com o mundo, hoje arrastado pelo turbilhão de transformações imprevisíveis. Apresentam-se duas atitudes: o imobilismo e o relativismo, este último hoje particularmente tentador. Nenhum deles deve ser exclusivo. É necessário encontrar o modo de fazer com que se completem: devemos ser hábeis em manter o que para nós é razão de vida e fonte de luz e de energia, o « depósito » a que nos referimos, a coerência fidelíssima com a tradição, de onde nos vem a vida cristã nos seus elementos insubstituíveis e imutáveis; e, também, devemos ser capazes de modelar as formas contingentes dos costumes eclesiais e cristãos, segundo as necessidades da nossa moderna convivência, e ainda mais, da nossa missão, conforme as mutações das circunstâncias de tempo e de lugar. Tudo isto é sabido; mas, na prática, é difícil

conseguir o equilíbrio e a síntese entre estas duas atitudes: é o problema característico do momento presente: que a fé permaneça firme e a caridade, operosa.

E este o caminho da Igreja peregrina: peçamos a São Pedro, sobre cujo túmulo agora Nos encontramos, que no-lo queira indicar pastoralmente.

Damo-vos a Nossa Bênção Apostólica.